

volume

30/2

jul/2025

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História e Literatura: diálogos e reflexões

*Esta é a primeira de uma série de primeiras de uma
especialidades em docas especialidades em docas
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. É agados e banquetes. É a
única depositaria da afanica depositaria da afanica
munda Guarana Espumamunda Guarana Espumamunda
Te e do excelente chocolate e do excelente chocolate
Lacta, fabricados em Lacta, fabricados em Lacta
S. Paulo pelos Srs. ZúS, Paulo pelos Srs. ZúS
notta Leonardo & Cinotta Leonardo & Cinotta
A Condição Brasil foi Condição Brasil*



Hist. Rev. Pelotas Número 30/2 p.1-148 jul. 2025

ISSN 2596-2876





Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Coordenação de Assuntos Estratégicos: *Marco Aurélio Romeu Fernandes*

Coordenação de Assuntos Institucionais: *Daniel Bruno Momoli*

Assessores do Gabinete da Vice-Reitoria: *Gustavo Dias Ferreira, Jocasta Soares dos Santos*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Planejamento e Administração: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ulrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Claudia Daiane Garcia Molet*

Superintendência de Gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Avila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendência de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Editora UFPel – Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências

Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)*

Representantes da Área das Ciências

Exatas e da Terra: *Eder João*

Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências

Biológicas: *Rosângela Ferreira*

Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das

Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega*

Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho

Representantes da Área das Ciências da

Saúde: *Fernanda Capella Rugno (TITULAR),*

Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso

Representantes da Área das Ciências

Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori*

Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências

Humanas: *Charles Pereira*

Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas

Representantes da Área das Linguagens e

Artes: *Chris de Azevedo*

Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e

Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da

UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Claudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -
Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha
(UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal
de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de
Coimbra)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade
do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional
de La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Dra. Daniele Gallindo (UFPel); Dra.
Lua Gill da Cruz (PUC-RJ); Dra. Pilar Lago e Sousa
(UFG)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Canudos. Registro dos prisioneiros do
arraial, no interior da Bahia, em 1897. Foto: Flavio de
Barros/Museu da República.

Pareceristas ad hoc: Ana Rüsche (Unb); Camila Carvalho
(UFMG); Felipe Ribeiro (UFPE); Gabriel Fernandes de
Miranda (UEPA); João Ourique (UFPel); Letícia Cristina
Alcântara Rodrigues (UFG); Maria Carolina Casati
Digiampietri (Usp); Mauro Gabriel Moraes da Fonseca
(UFJF); Nima Spigolon (Unicamp); Paulo Possamai
(UFPel); Pedro Gabriel Torres de Assis (UFOP); Rodrigo
Águeda Bandeira Cardoso (UFF); Rodrigo de Freitas
Faqueri (IFSP); Stephen Basdeo (Elizabeth School of
London); Suzana Vasconcelos (Universität Tübingen);
Thiago Magela (UNEMAT); Valeria Ignácio (PUC-SP);
Vinicius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP); Virgínea
Novack Santos da Rocha (PUC-RS).

Editora e Gráfica Universitária

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2025/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre
Acesso | International Standard Serial Number |
Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-
770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História e
Literatura : Diálogos e Reflexões) / Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.2, jul. 2025. –
Pelotas: UFPel/NDH,
2025 –
148 p. ; 1,6 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Literatura 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Daniele Gallindo</i> <i>Lma Gill da Cruz</i> <i>Pilar Lago e Sousa</i>	07
CRÔNICAS MACHADIANAS: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS MACHADO DE ASSIS'S CHRONICLES: LITERARY CHRONICLES AS HISTORICAL SOURCES <i>Claudia Teixeira Façanha</i> <i>Lucia de Souza Teixeira Costa</i>	10
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE <i>Derocina Alves Campos Sosa</i>	34
INTERSECÇÕES BRASIL-ÂNGOLA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i>, DE JOSÉ J. VEIGA, À LUZ DO CONTO "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", DE BOAVENTURA CARDOSO BRAZIL-ANGOLA INTERSECTIONS: AN ANALYSIS OF THE NOVEL <i>SOMBRAS DE REIS BARBUDOS</i> , BY JOSÉ J. VEIGA, IN LIGHT OF THE SHORT STORY "GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!", BY BOAVENTURA CARDOSO <i>Júlio César Kohler Damasceno Baron</i> <i>Rogério Max Canedo</i>	47
FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i>, DE MOACYR SCLiar FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i> , BY MOACYR SCLiar <i>Luiz Felipe Voss Spinelli</i>	62
ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>O PESO DO PÁSSARO MORTO</i> E NO COTIDIANO BRASILEIRO BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN <i>THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD</i> AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL <i>Lucas Matheus Araujo Bicalho</i> <i>Luís Fernando de Souza Alves</i> <i>Mauricio Alves de Souza Pereira</i>	76
PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNEY PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNEY <i>Maria Vitória Dias Collares</i> <i>Adriano Diniz Comissoli</i>	92

A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION <i>Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira</i>	113
---	------------

MARGUERITE DURAS SOB O FEITIÇO DE JULES MICHELET: O PENSAMENTO DO HISTORIADOR NA POÉTICA DURASIANA MARGUERITE DURAS UNDER THE SPELL OF JULES MICHELET: THE HISTORIAN'S THOUGHT IN DURASIAN POETICS <i>Rafaela Faria Vianna</i>	132
--	------------

POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE

Derocina Alves Campos Sosa¹

Resumo. Um dos objetivos desse texto é discutir algumas questões que envolvem o diálogo possível entre a Literatura e a História, chamando a atenção para como alguns autores aproximam muito a linha desses dois campos de conhecimento, que são o escopo de pesquisa da Nova História Cultural. Ler obras literárias, principalmente aquelas em que seus autores foram contemporâneos dos acontecimentos trazidos nas suas narrativas, descortina para os historiadores nuances e imaginários de uma época que, nem sempre os documentos históricos são capazes de reconhecer. Em obras como, *O Cortiço* de Aluísio Azevedo por exemplo, identificamos as inúmeras possibilidades de interface entre esses dois campos, especialmente porque ambos constroem narrativas, claro que uma referenciada, como é o caso da História e outra não, como é o caso da Literatura.

Palavras-chave: História, Literatura, Nova História Cultural

Abstract. One of the objectives of this text is to discuss some issues that involve the possible dialogue between Literature and History, calling attention to how some authors bring the line of these two fields of knowledge that are the scope of research of the New Cultural History very close. Reading literary works, especially those in which their authors were contemporaries of the events brought in their narratives, unveils to historians nuances and imaginaries of an era that does not even historical documents are always able to recognize. In works such as *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, for example, we identify the countless possibilities of interface between these two fields, especially because both construct narratives, of course one referenced, is the case of History and the other not, as is the case of Literature.

Keywords: History, Literature, New Cultural History

Introduzindo o tema sobre os diálogos que estamos falando

O universo do imaginário, tão próprio da Nova História Cultural² e não somente dela, nos possibilita refletir a sociedade, como ela se apresenta, que características tem, que sujeitos históricos fazem parte dela. Assim, os historiadores investigam esses cenários municiados de métodos de pesquisa, a partir de problemas previamente levantados e direcionados às suas fontes. Constroem a partir disso, suas narrativas referenciadas que precisam necessariamente informar de onde saíram suas hipóteses daquela e sobre aquela pesquisa.

A Literatura, por seu turno, parte da imaginação do literato, nos seus mais variados estilos. Sem a necessidade de referenciar seu texto. No entanto, História e Literatura que tem suas especificidades, acabam convergindo em muitos pontos. Aqui tratamos de identificar, nas narrativas tanto literárias quanto históricas, o principal ponto de convergência.

Historiadores e literatos utilizam o texto como espaço privilegiado de suas práticas.

¹ Professora titular de História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em História pela PUCRS. E-mail derocinasosa@gmail.com

² A Nova História cultural é um campo da historiografia que se expandiu durante a segunda metade do século XX na França e em outros países e que se concentra e prioriza os estudos da cultura nas suas investigações. Aporta também muito dos conhecimentos da Antropologia Cultural, valoriza a micro-história e confronta as grandes narrativas historiográficas. Sobre a Nova História Cultural cf. também, o livro de Lynn Hunt. *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992 (*O Homem e a História*).

O literato utiliza o texto para apresentar suas tramas, construir suas histórias, dar vida aos seus personagens. Fazer emergir vozes através desses personagens, cujas vivências estão envoltas em um contexto significativo, eis uma das tarefas do literato, seja ele romancista, cronista, contista ou poeta.

Já no que tange à tarefa dos historiadores, é através do texto historiográfico que o(a) historiador(a) reorganiza fragmentos do passado procurando com esse, a maior proximidade possível. Essa percepção de proximidade entre esses dois campos do saber foi possível a partir dos anos noventa do século passado em que a História se abriu para novas possibilidades e novos diálogos com os outros fazeres narrativos, entre eles, a Literatura.

Cabe sempre destacar que não se utiliza uma pela outra, ou seja, não se toma a Literatura como fonte exclusiva da História, ela pode servir como indício de elementos que remetem ao imaginário de uma época, isso sim. A comprovação histórica precisa conectar outras fontes, cruzar informações, reconhecer através de outras pesquisas o que se denomina de narrativa histórica. A obra literária³, por seu turno, pode também ela enquanto construção histórica, lançar luzes sobre elementos do cotidiano de uma época ou sobre costumes que, muitas vezes escapam aos documentos tradicionais.

Nessa condição em que os campos, literário e historiográfico, tem suas especificidades, podemos entender que a construção de um texto literário faz parte de um contexto histórico a que seu autor está invariavelmente conectado, deixando impresso nesse mesmo texto, o tempo e o lugar em que está inserido. Desse tempo e desse lugar, constrói a sua narrativa literária. Dito de outra forma, entendemos que o texto literário e seu autor, também fazem parte do processo histórico.

Quem encontra quem, a História encontra a Literatura ou a Literatura encontra a História?

Foi a partir do momento em que a Nova História Cultural, herdeira da antiga Escola dos Annales tomou forma, é que foram possíveis os encontros e as descobertas advindas daí, isso porque a Nova História Cultural reconheceu e reconhece outros objetos de pesquisa e outros campos do saber que potencializam o diálogo com a História.

Apesar de já existir há algum tempo como possibilidade de reconhecimento da História com aplicação de método próprio de investigação, a Nova História Cultural ainda é vista com certa desconfiança, porque valoriza outras fontes/objetos de investigação, entre eles, a Literatura.

A historiografia tradicional não reconhece as narrativas literárias como campo das pesquisas históricas, a Literatura é vista apenas por seu viés fantasioso sem elementos suficientes para que os “historiadores ditos sérios” possam a ela se dedicar. Essa adjetivação apenas fantasiosa à Literatura, desconsidera que as obras estão ligadas a um tempo e a um lugar, como já destacamos acima,

³ Importante destacar a contribuição de Antônio Cândido, sociólogo e crítico literário no que se refere às relações muito próximas entre a literatura e a história ou a literatura e a sociedade. O autor defende que a literatura é um reflexo das transformações sociais. Por isso quando analisamos uma obra literária, é imprescindível que enxerguemos o contexto histórico em que ela foi escrita.cf. CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

portanto são também históricas. Esse debate que já dura alguns anos, tem dificultado que se avance e se transponha essa linha que demarca os dois campos do conhecimento, não que se apregoe a sua indissociabilidade, mas que se reconheça, aproximações possíveis entre suas narrativas

Por outro lado, alguns historiadores reconhecem na Literatura uma fonte importante de identificação de muitos aspectos da História, entre eles podemos destacar Sandra Pesavento, que dessa forma se posiciona:

para enfrentar esta aproximação entre estas formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo, é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte. Nesta primeira abordagem reflexiva, é o caráter das duas formas de apreensão do mundo que se coloca em jogo, face a face, em relações de aproximação e distanciamento. (PESAVENTO, 2006 :3)

Sandra Pesavento faz uma reflexão sobre a tão discutida ideia de ‘verdade’ em História que atualmente é rechaçada, isso porque uma verdade vista como absoluta não existe, dado o conjunto de nuances a serem observadas de um determinado acontecimento, bem como de quem o observa.

Nunca é demais insistir que uma diferença marcante entre os historiadores e os literatos é que os historiadores precisam refenciar as suas narrativas, sendo vedado a eles construírem essas mesmas narrativas sem esclarecer as fontes e métodos de pesquisa que utilizaram e onde essas fontes foram encontradas, de maneira que outro pesquisador, percorrendo o mesmo caminho, as encontre.

Em outro trecho, Pesavento faz a seguinte reflexão :

A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o *não-acontecido* para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção (PESAVENTO, 2006:3)

A autora segue refletindo que a literatura de uma época representa um olhar privilegiado sobre essa época, de alguém que está vivendo e sentindo aqueles acontecimentos. Quando por exemplo, Machado de Assis nos apresenta seus personagens e tramas que dão conta da realidade do Rio de Janeiro no século XIX, ele está nos retratando uma época, de como pensavam e agiam as classes mais abastadas da sociedade. Da mesma maneira Lima Barreto quando nos traz nos seus escritos literários, os marginalizados da sociedade, ele está indicando aos historiadores como eram efetivamente essas pessoas, como pensavam e agiam diante da sociedade na qual estavam inseridos,

mesmo que marginalizados.

O contexto de uma época, a maneira como agiam e pensavam as pessoas são muitas vezes retratadas na Literatura⁴, com informações de quem está vivendo aquela época e isso, aproxima o leitor do texto literário que o envolve e cativa. A obra *Os Miseráveis* de Vitor Hugo, exemplifica o que aqui falamos, já que retrata a situação dos marginalizados na França do século XVIII, suas mazelas, diante de uma sociedade burguesa que expropriava seus cidadãos.

Já o historiador Valdeci Borges faz a seguinte descrição sobre a Literatura:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.(BORGES, 2010:98)

Aqui também, o autor defende que a expressão literária reflete uma época que pode muitas vezes ser rica em detalhes porque é escrita por quem está literalmente na cena dos acontecimentos. A sintonia fina que emerge dos diálogos dos personagens pode estar mais nítida do que aquela percebida nos documentos tradicionais, cuja formalidade da linguagem muitas vezes impede essa percepção das nuances humanas de uma determinada época. O autor segue esclarecendo que:

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e

⁴ Bourdieu, por sua vez, entende a literatura como um campo social e que para analisá-la é necessário reconhecer o espaço social de produção, distribuição e recepção da literatura, incluindo aí todas as instituições encarregadas da dinâmica desses processos. Como tal, o campo literário só adquire autonomia no século XIX com o desenvolvimento da vida moderna, que lhe permite ligações estruturais cada vez mais complexas e autônomas, mas cuja produção está também sujeita ao contexto histórico e ao poder constituído. Bordieu tratando das expressões artísticas na França da segunda metade do século XIX exemplifica isso da seguinte forma: “A relação entre os produtores culturais e os dominantes não tem mais nada do que pode caracterizá-la nos séculos anteriores, trata-se da dependência direta em relação ao comandatário (mais frequente entre os pintores, mas também atestada no caso dos escritores) ou mesmo da fidelidade a um mecenas ou a um protetor oficial das artes. Doravante, trata-se de uma verdadeira subordinação estrutural, que se impõe de maneira muito desigual aos diferentes autores segundo sua posição no campo, e que se institui através de duas mediações principais: de um lado o mercado, cujas sanções ou sujeições se exercem sobre as empresas literárias, seja diretamente, através das cifras de venda, do número de recebimentos etc., seja indiretamente, através dos novos postos oferecidos pelo jornalismo, a edição, a ilustração e por todas as formas de literatura industrial; do outro lado as ligações duradouras, baseadas em afinidades de estilo de vida e de sistema de valores que, especialmente por intermédio dos salões, unem pelo menos uma parte dos escritores a certas frações da alta sociedade, e contribuem para orientar as generosidades do mecenato de Estado”(Bordieu, 1996, pág. 65)

construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.(idem)

Como já descrito anteriormente, a obra literária é entendida a partir da concepção da Nova História Cultural, como um documento histórico em si que é escrito por alguém, em uma determinada época e com um conteúdo. Quando tomamos a obra enquanto objeto precisamos atravessá-la dessas várias questões e aí cabe o questionamento se, o seu conteúdo pode ser entendido como uma fonte histórica. A resposta apesar de paradoxal é que sim e não, ou seja, sim ela pode ser observada como o recorte de uma época, principalmente se o autor viveu aquela mesma época, no entanto, ela indica possibilidades que o historiador terá de confrontar com outras fontes históricas. Já quando respondemos que ela não é uma fonte histórica queremos dizer que ela não pode ser tomada por si só, ou seja, apenas a obra literária não é fonte de uma época, é preciso confrontá-la, legitimar seu conteúdo.

Borges segue fazendo no seu texto a seguinte reflexão:

A literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado, em um tempo e lugar.(BORGES,2010:103)

O historiador da Nova História Cultural, porque trabalha muito com imaginário e representações, se debruça sobre a Literatura e mais especificamente sobre a obra literária observando nela, gradações nas teias das relações humanas que são verbalizadas pelos personagens. Quando lemos por exemplo, o romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo e depois, comparamos com os textos dos historiadores do início do século XX no Brasil, podemos perceber ali, o crescimento desordenado das habitações no Rio de Janeiro, as condições insalubres dos moradores dos casebres e o contexto da época, que apontava para a higienização das cidades e uma urbanização forçada pelas classes dominantes, que não levava em conta as condições de vida das pessoas.

Um outro exemplo é o historiador Carlo Ginzburg que no seu clássico livro, *O Queijo e os Vermes* traz a seguinte reflexão:

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. “Quem construiu Tebas das sete portas? perguntava o leitor operário de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo seu peso (Ginzburg, 2006:10)

A percepção de Ginzburg e do conjunto de historiadores que adotaram a Nova História Cultural reconhece os acontecimentos das e nas vidas de mulheres e homens comuns, uma riqueza de detalhes históricos. O autor nesse livro analisou não uma obra literária, mas o processo capitaneado pela Igreja Católica contra um moleiro do medievo. Ali se desvelam muitas informações que dão conta das cores de uma época, não somente no fazer do ofício do moleiro, Menocchio, como também nas ideias que defendia, bem como no comportamento das pessoas que conviveram com ele.

Assim como o processo conduzido pelo Tribunal do Santo Ofício é um documento histórico, também as obras literárias que narram acontecimentos a partir da perspectiva de quem viveu aquela época também são documentos, porque, rememoram modos de pensar e agir das pessoas. Dessa forma, quando nos voltamos para a obra literária enquanto documento, compreendemos uma gama de possibilidades que nos aproximam daquela realidade a qual a obra coteja.

O espaço da Literatura enquanto reconhecimento privilegiado da sociedade

Os (as) personagens, seus enredos trazidos à luz pelos seus autores retratam uma época, descortinam modos de agir e de pensar, portanto retratam o cotidiano dessa mesma época. Ainda voltando ao romance *O Cortiço*, quando o autor nos apresenta a personagem *Bertoleza* e a sua condição de ex escravizada que é submetida ao trabalho pesado, ele está nos mostrando como era a vida das pessoas antes escravizadas. Assim, observamos em um trecho do romance:

Ao lado, na casinha de pasto, a Bertoleza, de saias arrepanhadas no quadril, o cachaço grosso e negro, reluzindo de suor, ia e vinha de uma panela à outra, fazendo pratos, que João Romão levava de carreira aos trabalhadores assentados num compartimento junto. Admitira-se um novo caixeiro, só para o frege, e o rapaz, a cada comensal que ia chegando, recitava, em tom cantado e estridente, a sua interminável lista das comidas que havia. Um cheiro forte de azeite frito predominava. O parati circulava por todas as mesas, e cada caneca de café, de louça espessa, erguia um vulcão de fumo tresandando a milho queimado. Uma algazarra medonha, em que ninguém se entendia! Cruzavam-se conversas em todas as direções, discutia-se a berros, com valentes punhadas sobre as mesas. E sempre a sair, e sempre a entrar gente, e os que saíam, depois daquela comezaina grossa, iam radiantes de contentamento, com a barriga bem cheia, a arrotar. (AZEVEDO, 1997:17)

O cotidiano da vida das pessoas é retratado pelo autor com detalhes pormenorizados, o que nos coloca dentro do cenário. A personagem executa o trabalho pesado. Bertoleza tinha sido escravizada e o seu companheiro João Romão a fez acreditar que tinha comprado a sua alforria. Por não saber ler como a maioria das mulheres, principalmente as mulheres negras da sua época, acreditou na história. Em outra passagem do romance, o autor descreve:

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tsnada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos (idem:26).

Nessa passagem da obra, novamente o autor retrata o trabalho a que a personagem era submetida e que reportava os relatos que encontramos nos jornais da época a respeito desses trabalhos a que as mulheres mesmo alforriadas, eram submetidas.

A Literatura de época aqui referida, ou seja, de quem viveu a realidade a qual retrata é extremamente rica por desvelar muitos detalhes do cotidiano das pessoas que os documentos, por sua estética mais formal, muitas vezes não conseguem alcançar. Sobre aquela realidade dos cortiços do final do século XIX e início do século XX no Brasil, que se convertem em espaços insalubres em que viviam muitas pessoas diante de uma cidade que começava a ganhar novos contornos, o autor assim escreve:

Defronte da porta de Rita tinham vindo postar-se diversos moradores do cortiço, jornaleiros de baixo salário, pobre gente miserável, que mal podia matar a fome com o que ganhava. Ainda assim não havia entre eles um só triste... Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. (ibidem:32).

Esse recorte tão preciso e precioso da realidade, podemos encontrar na Literatura. E, mesmo que essas personagens não sejam reais, elas sim existiram enquanto possibilidades de existência, em uma época e em um lugar. Mulheres e homens retratados na obra literária, ligados a um tempo e a uma época, remetem a pessoas que efetivamente os documentos históricos acabam comprovando a existência, não as pessoas em si, mas as representações delas contidas nos personagens das obras. Observemos, o que escrevem Martins e Cainelli no trecho a seguir:

Deste modo, mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram (Martins e Cainelli., 2015:3892)

Ainda sobre essa possibilidade ou possibilidades de a Literatura retratar uma época, Borges complementa que:

no universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos [...] e as questões diversas

que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste. (BORGES, 2010, p. 98).

Nessa mesma linha, Pesavento reforça que:

O mundo da ficção literária — este *mundo verdadeiro das coisas de mentira* — dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. (PESAVENTO, 2006:7)

A autora também escreve que:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. Mais do que isso, o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância. (PESAVENTO, 2006, pág 6)

Um autor que, com suas obras retrata o cotidiano dos personagens e de uma época que aqui reportamos e que já mencionamos anteriormente, é Machado de Assis que através de uma narrativa repleta de símbolos e significados, descreve a sociedade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Temas e tramas que descrevem por exemplo, o papel das mulheres na sociedade e como estão estigmatizadas, acabam por problematizar suas condições sociais. Mesmo aquelas mais abastadas economicamente, estavam sujeitas a lugares pré-determinados e dos quais não conseguiam sair, sobrando a elas, reduzidos espaços de contestação.

O clássico romance *Dom Casmurro* evidencia, através da polêmica da possível traição da personagem Capitu, a questão do adultério no século XIX que era atacado violentamente quando se referia às mulheres e tolerado quando se referia aos homens. Esse tema acabou também por legitimar todas as formas de violência contra as mulheres e situações como o feminicídio, marcou e ainda marca muitas mulheres.

Sobre essa questão do feminicídio presente no século XIX, duas passagens escritas por Borelli explicitam como essa questão era tratada e as mulheres subjugadas pelo poderio patriarcal.

Segundo a autora :

Perante a sociedade da época, o crime de paixões era uma maneira de regular o controle das mulheres sobre seu corpo e suas atitudes, pois ele acontecia quando se rompia com os padrões vigentes. Assim, justificava-se a necessidade de punir esse ato de rebeldia para evitar sua disseminação na sociedade (BORELLI,1999. p.73)

Aqui a autora faz referência aos ditos ‘crimes passionais’ e como essa expressão foi capaz de justificar a morte das mulheres acusadas de adultério. Em outra fala da autora podemos ler :

O adultério feminino devia ser punido com a violência do homem, para que fosse mantido o padrão estabelecido de honra masculina. A reação do homem à traição era exigida pela sociedade, o que detonava o crime de paixão (...) o homem que não reagisse podia sofrer uma série de sanções da sociedade, o que demonstrava que o crime passionai visava regar o comportamento de homens e mulheres para que fosse mantido o ideal estabelecido” (1999, p. 96)

Essas práticas de controle sobre os corpos femininos e o pretense ‘direito’ dos homens sobre os corpos das mulheres perdurou até a década de 1990. Mesmo que a Constituição de 1988 tenha conseguido avançar na igualdade de direitos entre mulheres e homens, foi um crime ocorrido em 1992 (o assassinato da atriz Daniela Perez) que lançou luzes sobre um debate que já vinha amadurecendo na sociedade, que é a tipificação dos crimes passionais como homicídios qualificados, considerados crimes hediondos.

Voltando a questão da Literatura e como temas sensíveis à sociedade são por ela representados, a trama construída por Machado de Assis vai além do possível adultério de Capitu. No romance, esse tema ficou muito marcante e acabou dividindo opiniões a respeito da efetiva traição ou não. O pano de fundo dessa questão era sem dúvida nenhuma, o papel das mulheres na sociedade oitocentista. Podemos ler no romance algumas passagens que descrevem aquilo que a sociedade esperava das mulheres, ou seja, o recato e a obediência aos homens. Aquelas que fugissem a esse padrão, acabavam rechaçadas. Mais do que saber da possível traição de Capitu ou não, o que o autor descortina para o seu público leitor são as características da sociedade burguesa do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e o papel ou papéis atribuídos às mulheres.

Aqui trouxemos para exemplificar, alguns exemplos, ou seja, um recorte muito pequeno, da quantidade de obras e temáticas sociais que a Literatura com a sua narrativa própria, colabora para emoldurar a sociedade em qualquer época histórica, trazendo à luz aspectos do imaginário dessas mesmas épocas.

Importante assim, é reforçar o papel da Literatura em expor com riqueza de detalhes, recortes da sociedade que acabam por compor um mosaico de cores e formas, em que os personagens e suas tramas representam o imaginário dos autores e de suas épocas.

Quando essas tramas referem-se a outros tempos e outros espaços, estamos também nos aproximando de como essas épocas retratadas pelos autores, eram pensadas pelos narradores,

porque são o resultado do olhar ou olhares daquele momento histórico, como se fosse por exemplo, uma fotografia daquele cenário, claro que com uma gama maior de informações.

Algumas Considerações até aqui

Não resta dúvida que Literatura e História tem muito a dialogar, não apenas do ponto de vista das suas construções enquanto campos do conhecimento, mas também quanto às possibilidades que apresentam de aprofundar o debate em torno da compreensão por parte dos historiadores de que a obra literária é um documento, com inúmeras possibilidades de utilização.

Não se toma a obra literária como única fonte histórica por todas as questões levantadas acima, mas a sua narrativa, os seus personagens representam marcas de uma época sobre a qual o autor escreveu, porque ele faz parte de um tempo histórico, portanto, suas ideias por mais imaginativas que sejam, dizem muito sobre o tempo em que a obra foi escrita. Até o imaginado, parte de algum lugar, das vivências dos autores e/ou do conhecimento acumulado que tenha da sociedade em que está inserido. Mesmo que isso não seja apresentado intencionalmente, essas marcas estão ali, presentes na sua obra.

Também torna-se importante destacar o quanto de reconhecimento e compreensão de uma época, é possível perceber através de uma obra literária, dos seus personagens e das tramas construídas pelos(as) seus/suas autores(as).

A diferença quanto aos textos históricos e literários é que os primeiros necessariamente precisam ser referenciados, ou seja, identificadas as suas fontes e os textos literários não, por serem construções que compõem a imaginação dos autores.

A obra literária, portanto, não pode ser lida como fonte histórica literal, ou seja, ela não substitui a prática dos historiadores e as suas narrativas. A obra é um documento que faz parte de um tempo e de um lugar em que foi escrita, portanto ela tem uma historicidade em si, mas por toda a liberdade de construção que é própria dela, não está condicionada pelas regras a que os historiadores estão submetidos. Dito de outra forma, ela não explica um acontecimento ou uma época, mas lança indícios, pistas muito interessantes que instigam e provavam o trabalho do historiador, principalmente o historiador da Nova História Cultural.

Consideramos que as obras descortinam cenários e tramas, enquanto representação do imaginário social e cultural de épocas históricas, cabendo ao historiador que se debruça sobre elas, analisá-las partindo do tempo e do espaço da sua construção. Investigar quando foi escrita, por quem e do que trata a sua narrativa, são passos que o(a) historiador(a) da obra literária precisa seguir.

Esse primeiro exercício para o(a) historiador(a) faz com que se aproprie da obra enquanto uma fonte histórica, não no sentido de entendê-la como uma narrativa que recria uma época, não. O objetivo inicial é entender a obra enquanto produção de uma época.

Mais importante do que comprovar se a sua narrativa pode ser corroborada pelos documentos históricos, é identificar aspectos da sociedade que em um primeiro plano, os

documentos tradicionais podem não apresentar de forma clara.

A obra e a sua narrativa descortina portanto, indícios de como se pensava em uma determinada época. Importante reforçar que as narrativas literárias e as narrativas históricas mantêm suas especificidades.

O diálogo entre elas no entanto, pode e deve se dar a partir dessas premissas para assim, avançar para além dos elementos que ficavam circunscritos à narrativa literária, entendendo-a como um produto da sociedade na qual foi criada.

Rompeu-se portanto, a percepção de que apenas os documentos tradicionais estão carregados de História. Outros olhares, outras possibilidades e outros objetos de investigação são trazidos ao primeiro plano, entre eles, a Literatura e as suas obras.

Ainda temos um caminho a percorrer no sentido de perceber o potencial da obra literária, também ela como fonte histórica mais pelo sentido que representa e do lugar em que está inserida na História e menos pela narrativa em si que não deve ser tomada como fonte histórica literal.

Mesmo o romance histórico que pretende extrair sua narrativa e seus personagens de tramas e sujeitos históricos que realmente existiram, precisam ser entendidos dentro dos limites que emolduram uma obra literária e, o papel do historiador que se debruça sobre ela, terá que ter essa consciência, ou seja, de que a narrativa literária tem de ser confrontada com as fontes históricas reconhecidas pelos historiadores, mas reforçando sempre, que a obra foi escrita em uma época e em um lugar portanto, também ela, a obra literária, por si só faz parte da História.

Vamos com isso reconhecendo que outros objetos de estudo tem seu valor e significado para a História que se quer investigar. O imaginário que as narrativas literárias nos trazem, remetem a imaginários de tempos históricos que foram capturados pelos seus autores, tanto mais se esses autores foram testemunhas da História que reapresentam nas suas obras.

Avançar nessa perspectiva é compreender que outros campos de estudo, como a Literatura, a Música, o Cinema entre outros, reconfiguram outras possibilidades, principalmente como já dissemos, para os historiadores da Nova História Cultural.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. São Paulo: Ática, 1997

BARROS, José D'Assunção. O campo da história: especificidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BORELLI, Andréa. Matei por amor: as representações do masculino e do feminino nos crimes passionais. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História Social) PUC-S

BORGES, Valdeci. História e Literatura: Algumas Considerações in Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892

- BORDIEU, Pierre . As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAINELLI, Marlene e MARTINS, Giovana. O uso da Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História in 7cih.pphuem, 2015.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-13.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892 Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DAVI, Tânia Nunes. Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do Cárcere (de Graciliano Ramos e de Nelson Pereira dos Santos). Uberlândia: EDUFU, 2007.
- DUBY, Georges. As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo. Lisboa: Edições 70, 1971.
- José D'Assunção Barros
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 [original: 1939].
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir, história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FUJITANI, Takashi. Splendid Monarchy: Power and Pageantry in Modern Japan. New Jersey: University of California Press, 1996
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. Relações de força: História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- _____. O Inquisidor como Antropólogo. In: GINZBURG, Carlo. A Micro-História e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1991.
- GOMES, Angela Maria de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: algumas

reflexões. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVEA, Maria de Fátima S. Culturas Políticas: ensaios de História Cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2005. p.21-44.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, T. A Invenção da Tradição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 [original: 1983]

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História).

KRISTEVA, Julia. Introdução à Semanálise. São Paulo: Martins, 1988.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARIS, Robert. A imagem do operário no século XIX pelo espelho de um vaudeville. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 15, set.1987/ fev. 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Sandra Jatahy Pesavento, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>

SANTOS, Regina Maria dos. Crônica e história: realidade e ficção no discurso jornalístico. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio (org.). Escritas da história: narrativa, arte e nação. Uberlândia: EDUFU, 2007. p.95-110.

WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.